

Capítulo 42 - DOI:10.55232/1084002042

**A NECESSIDADE DE SER: A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA
SOBRE A IMAGEM CORPORAL E SUAS
CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS EM
ADOLESCENTES**

Letícia Salomão Bezerra, Ana Paula Leite da Silva, Carlos Vinícius dos Santos Pereira, Adriana das Chagas Oliveira Pacheco, Maria das Graças Teles Martins

RESUMO: INTRODUÇÃO: As repercussões do avanço da tecnologia refletem no cotidiano da sociedade de forma expressiva, e sobretudo para a adolescência, onde existe uma maior incidência e acesso aos meios tecnológicos, considerando as variáveis que tornam esta fase mais suscetível aos possíveis efeitos nocivos que esse sistema produz. A mídia dita regras acerca de padrões a serem seguidos, de forma que estes, muitas vezes, não contemplam a subjetividade do indivíduo, o que interfere diretamente na sua autoimagem. **METODOLOGIA:** O estudo se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e abordagem qualitativa. Foram utilizados livros, artigos, teses e dissertações a partir de buscas em sites nos seguintes endereços: Google Acadêmico, Scielo e PePsic, publicados no período de 2005 a 2020. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os adolescentes são mais vulneráveis ao risco do uso inadequado dos serviços de comunicação, tendo em vista o sistema de padrão de beleza no qual estão inseridos e o poder persuasivo que este detém, gerando prejuízos na autoestima em decorrência de distorções na autoimagem. A autoimagem, demonstra a percepção que uma pessoa tem de si e daquilo que ela representa, definindo-se por uma constelação de pensamentos, sentimentos e ações de acordo com os relacionamentos interpessoais do indivíduo e, quando esta autoimagem é comprometida provoca baixa autoestima e autoconceito negativo de si mesmo que influencia em seu desenvolvimento biopsicossocial. Esse cenário traz como desvantagem a probabilidade do desenvolvimento de distúrbios alimentares e transtornos psicológicos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Nota-se a relevância do estudo para a comunidade científica e para o contexto social, atentando para os efeitos causados pelo uso indevido de meios de comunicação por adolescentes. Frente às percepções psicológicas evidencia-se que é comum encontrar entre o discurso dos jovens a necessidade de atingir o corpo ideal compartilhado pelas mídias contemporâneas, dando origem à pressão psicológica do que é idealizado como “estética perfeita” corroborando para o processo de exclusão das variedades corporais. Essa situação pode gerar prejuízos para a saúde mental de muitas pessoas, principalmente para a adolescência. Visto que é uma fase marcada por mudanças biológicas e comportamentais, o que repercute diretamente na forma que os indivíduos se enxergam e se relacionam com o ambiente ao seu redor.

Palavras-chave: Adolescência, Padrão de beleza, Consequências psicológicas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo possui como finalidade investigar e analisar as repercussões psicológicas que a pressão estética do "belo" provocada pela mídia desencadeia em adolescentes de 12 a 18 anos, de forma a verificar como estes adolescentes lidam com sua autoimagem, tendo em vista as variáveis biopsicossociais que atravessam essa etapa do desenvolvimento humano; entender como a influência das mídias interfere no processo da autoimagem; e identificar as consequências psicológicas que a busca do corpo idealizado acarreta a este grupo.

Diante disso, se faz importante a conceitualização de autoestima, que pode ser caracterizada como um processo de “confiança em nosso direito de ser bem-sucedido e feliz, o sentimento de ser digno, merecedor, com direito a afirmar nossas necessidades e desejos, alcançar nossos valores e aproveitar os frutos de nossos esforços” (BRANDEN, 1997, pg. 20). Conforme o exposto, pode-se afirmar que a autoestima envolve o bem-estar do indivíduo. Contudo, este construto está ligado à pressão estética de um padrão corporal muitas vezes inalcançável, que vem sendo difundido a partir das mídias sociais através de uma concepção idealizada de beleza, construída também por meio da globalização que, por sua vez, atua como recurso de aproximação entre as diversas sociedades e culturas existentes por todo o mundo durante séculos.

A respeito da globalização, Ribas e Caleiro (2012), descrevem que a mesma muitas vezes se utiliza dos meios de comunicação para promover a padronização de estilos de vida, visto que, segundo os autores, há uma ligação direta deste processo com o da ditadura da beleza, onde a mídia enquadra os indivíduos em um mesmo estereótipo físico para que a procura desses padrões seja cada vez mais direcionada às mesmas mercadorias e padrões estéticos. Assim, ficará mais difícil para pessoas com biótipos muito diferentes conseguirem se enquadrar nesses estereótipos, fazendo com que elas queiram estar também padronizadas. Este recurso acaba constantemente colocando em segundo plano a subjetividade do indivíduo, visto que a busca por um ideal de beleza cada vez mais padronizado e semelhante às características impostas pela mídia, aumenta.

Considerando o avanço da tecnologia e o seu envolvimento com a humanidade, é notório que as mídias sociais detêm grande relevância devido ao seu poder social e persuasivo. Entretanto, essa forma de poder que influencia a sociedade e especificamente os jovens, classificados pelo ECA (1990) como a faixa etária de 12 até os 18 anos de

idade completos, abrange diversos questionamentos a respeito de suas consequências positivas e negativas, sobretudo na esfera psicológica. Alguns desses impactos atingem a autoimagem, o que pode ser pontuado pelo fato de que, através das redes sociais, muitos jovens se deparam com imagens pouco realistas de como deveriam ser, culminando em um estereótipo de beleza que em sua grande maioria é inalcançável, e que gera conflitos pessoais, tendo em vista que a realidade desse indivíduo muitas vezes não corresponde ao padrão observado nos recursos midiáticos. Esse cenário virtual manifesta uma pressão estética, que de acordo com Echeburúa e Requesens (2012), para os adolescentes pode gerar a distorção da percepção da autoimagem, afetando a autoestima, causando desconforto emocional e aumentando a insatisfação com o próprio corpo.

É possível verificar que os padrões estéticos sempre fizeram parte como peça estruturante da sociedade, pois sempre estiveram presentes ao longo da história, passando por diversas modificações. A partir de um resgate histórico, pode ser utilizado como exemplo a Grécia Antiga, onde um dos primeiros requisitos da boa forma era justamente o de proporção correta e simetria (ECO, 2004, tradução nossa), cujo período fora marcado pela primeira tentativa de padronização da beleza humana, em que este ideal de beleza era constituído a partir da combinação entre harmonia e equilíbrio, enfatizando as medidas proporcionais. Posteriormente, segundo o autor já citado, houve a ruptura deste conceito através da construção de novos padrões, como na Idade Média, valorizando a ideia de divino e sagrado, e no Renascimento, focando em formas mais voluptuosas e na ideia de sedução.

No que diz respeito às percepções psicológicas, é comum encontrar entre o discurso dos jovens a necessidade de atingir o corpo ideal compartilhado pelas mídias contemporâneas, dando origem à pressão psicológica do que é idealizado como “estética perfeita” e corroborando para o processo de exclusão das variedades corporais, gerando assim, prejuízos para a saúde mental de muitas pessoas, principalmente na adolescência, visto que é uma fase marcada por mudanças biológicas e comportamentais, o que repercute diretamente na forma que os indivíduos se enxergam e se relacionam com o ambiente ao seu redor.

Sobre isso, Castello (2020) descreve que o indivíduo internaliza a crença sobre a aparência hegemônica, vivenciando a angústia denominada como "crise do corpo", que abre portas para diversas formas de sofrimento, levando como preceito não a sua condição física e a sua subjetividade, mas sim, o que é valorado e disseminado amplamente pelos

veículos de comunicação de massa. Logo, a concepção coletiva de beleza será embasada nesses referenciais, e este conceito estético será internalizado, fazendo com que o indivíduo enfrente um processo de autocrítica usando como parâmetro o padrão de beleza imposto. Contudo, esse padrão muitas vezes não condiz com as suas reais necessidades e principalmente, com os limites do seu corpo.

Dessa maneira, levantou-se como problemática de pesquisa analisar como a concepção de beleza idealizada a partir da mídia afeta a percepção psicológica da autoimagem em adolescentes, levando em consideração todo o contexto biopsicossocial e os grandes veículos de comunicação de massa, que atualmente detêm um forte papel em diversos contextos e grupos sociais, principalmente no que se refere a este grupo.

Tem-se como hipótese que os processos midiáticos atuam como um recurso de aproximação de convicções individuais e subjetivas do indivíduo, a partir de ideais sócio historicamente construídos baseados em conceitos já estruturados de beleza, de modo que o construto mais disseminado e reforçado é o que prevalece sobre os mecanismos de socialização, relacionando-se a partir disso com sistemas que permitem esse indivíduo buscar o que é mais valorado e discutido em seu meio social, como forma também de mostrar identificação com aquele determinado grupo. Esse sistema voltado para a mídia desenvolve-se de forma mais nítida e nociva para o público adolescente, levando em consideração os processos hormonais e emocionais presentes nessa etapa do desenvolvimento, que influenciam de forma acentuada - e muitas vezes preocupante - na autopercepção desse adolescente, criando tendências disfuncionais que podem desencadear transtornos psicológicos como depressão, ansiedade, transtornos alimentares, dentre outros.

Assim, a motivação que permitiu a construção deste artigo foi a observação da participação ativa do sistema de padrão de beleza na sociedade, percebendo como este se manifesta em conteúdo e suas respectivas repercussões psicológicas, sobretudo no público adolescente. A propagação de uma ideia única sobre beleza retrai movimentos subjetivos e particulares, prejudicando dessa maneira, a formação saudável do “eu” e podendo refletir em um adoecimento em massa do corpo social.

A relevância deste estudo se dá através da compreensão de determinados recursos atuais que contribuem para o adoecimento na adolescência, tornando consciente a necessidade de apontar para medidas que possam desconstruir a atividade que concebe a

beleza como um padrão a ser alcançado, assim como encontrar planos que possam reduzir os danos causados por esse padrão. Essa perspectiva abre margens para a relevância acadêmica, científica e social, visto que se trata de um assunto recorrente na sociedade contemporânea, devido à uma maior facilidade que as pessoas detêm de adquirir e manusear os mais variados meios de comunicação de massa, gerando discussões e debates sobre o conceito de “belo” atualmente.

METODOLOGIA

O presente estudo utilizou-se de revisão teórica, com método de pesquisa bibliográfica, exploratória e interpretação qualitativa. Segundo Gil (2017), a pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituído principalmente de livros e artigos científicos, além de outras fontes como: teses, dissertações, obras de referência e resumos científicos, ou seja, instrumentos já existentes que contém os assuntos presentes no estudo, sendo selecionada em razão da existência de inúmeros materiais válidos e pertinentes disponíveis na internet para a investigação em questão, que possibilitam um maior embasamento teórico e científico a fim de torná-la mais relevante.

A pesquisa exploratória, por sua vez, possui como um de seus objetivos o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2017), possibilitando assim maior entendimento do tema e construção de hipóteses relacionadas ao problema de pesquisa para serem consideradas e estudadas, tendo como uma das formas de se apurar informações o levantamento bibliográfico, que fora empregado nesta pesquisa.

Somado a isso, é aplicada a abordagem com enfoque qualitativo, que utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação (SAMPIERI; CALLADO; LUCIO, 2013). Este estudo tem como finalidade apreender informações relacionadas às atitudes e comportamentos de um grupo de pessoas, a fim de investigar o problema em questão, considerando aspectos subjetivos que não possuem necessidade de validação numérica, tratando-se então de uma pesquisa qualitativa.

Os critérios de inclusão consideraram livros de autores que discutem imagem corporal, processos midiáticos, Psicologia do Desenvolvimento, e adolescência e seus processos fisiológicos e biopsicossociais; e produções científicas nas línguas portuguesa,

inglesa e espanhola, com período de publicação de 2005 a 2020, a partir de buscas em sites na internet através dos seguintes endereços: Google Acadêmico (Google Scholar), Scielo (Scientific Electronic Library Online) e PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), possuindo como descritores: “imagem corporal e adolescentes”, “mídia e padrão de beleza”, “consequências psicológicas da pressão estética”, e “padrão de beleza e saúde mental”. Foram excluídos todos os materiais que não contemplam os critérios indicados, materiais não publicados e os que, apesar de apresentarem os descritores selecionados, não se encaixam com a proposta da pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados, dos 18 livros selecionados foram utilizados 10, das 3 dissertações selecionadas foi utilizada apenas uma, das 3 teses selecionadas foram utilizadas 2, dos 4 manuais selecionados foram utilizados 3 e dos 26 artigos selecionados foram utilizados 11. Dos materiais selecionados, foram utilizados somente aqueles que se inseriram entre os anos de 2005 a 2020.

Na análise crítica dos riscos e benefícios, por ser uma pesquisa bibliográfica e não envolver manipulação com humanos, não houve riscos. Com relação aos procedimentos éticos de pesquisa, o artigo fora desenvolvido cumprindo as exigências das resoluções 466/2012 e 510/2015, não sendo necessária a utilização do termo de consentimento livre e esclarecido (TECLE) nem submissão à apreciação do Comitê de Ética da Faculdade Estácio de Macapá.

A análise dos dados coletados ocorreu através de leitura exploratória e interpretativa dos materiais selecionados a partir das particularidades correspondentes ao tema, buscando a relação das informações desses dados coletados com a proposta apresentada e atestando se o problema apresentado e os objetivos propostos foram alcançados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação da autoimagem com a adolescência e suas demais variáveis biopsicossociais

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento conhecida pelas alterações a níveis biopsicossociais, assim dizendo, retrata a transição entre a infância e a idade adulta, representando um processo de separação/individualização do sujeito com atividades

típicas e comportamentos relacionados à infância, assim como o início da aquisição de qualidades e habilidades que o permitem participar dos deveres e papéis sociais da sociedade e cultura vigente como adultos, e de acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999) a adolescência ou juventude é a fase caracterizada pelo processo de alcance de conhecimentos fundamentais para o a participação do jovem na esfera do trabalho, na obtenção de ideais e valores para que o mesmo constitua uma família.

Sobre o início da adolescência, Calligaris (2000), acredita ser marcada pela puberdade, pois através dela é possível observar facilmente as mudanças fisiológicas que ocorrem nessa faixa etária, ao se adquirir funções e características do corpo adulto, visto que representa as modificações biológicas e funcionais, onde o corpo infantil se transforma, em termos morfológicos e fisiológicos, em um corpo adulto, com as mudanças na produção de hormônios, crescimento de pelos pubianos e auxiliares, aumento na produção de glândulas sebáceas e sudoríparas, além da alteração da voz, sinalizando o início da adolescência. Além disso, o sujeito sobre as condições do processo de maturação biopsicofisiológico precisa compreender o que está acontecendo com seu corpo, considerando que os hormônios influenciam nas alterações de sensação e sentimento tal qual na capacidade de entendimento e reação em relação a outros indivíduos.

Assim, Erickson (1968) comenta sobre como os púberes, assolados pela revolução fisiológica de maturação genital, além de inseguros sobre os papéis e deveres adultos que se aproximam, se atentam para as tentativas comuns de estabelecer uma subcultura adolescente com o intuito de formação de identidade inicial, que mais se assemelha a uma conclusão do que um período transitório. E segue nesse sentido, a contribuição de Tiba (2003) ao se referir à adolescência como um período de desenvolvimento psicossocial, onde os adolescentes se afastam da própria família para adentrar nos grupos sociais, declarando que as fases de grande desenvolvimento biofisiológico, isto é, o estirão, são momentos de angústia onde a timidez de se expor ao público torna-se presente, pois quanto menor for a autoestima do sujeito, mais defeitos enxergará nas transformações do seu corpo.

No âmbito do desenvolvimento psicossocial, os adolescentes se veem em uma busca pela identidade, onde o afastamento das relações primárias, isto é, relações parentais, os permitem explorar, em suas possibilidades, conteúdos que possam enriquecer o processo da formulação de seu autoconhecimento e descobrir materiais que

possam construir integralmente a definição de sua autoimagem, atravessando neste processo fatores nocivos ligados a autodefinição corporal que atingem diretamente a autoestima.

Conforme descreve Gouveia *et al.* (2005), a autoimagem demonstra a percepção que uma pessoa tem de si e daquilo que ela representa, definindo-se por uma constelação de pensamentos, sentimentos e ações de acordo com os relacionamentos interpessoais deste indivíduo. Segundo Marcus e Kitayama (1991) o conceito de si mesmo é fundamental na maneira como alguém se avalia e se comporta, e este conceito está diretamente ligado à valores, crenças e normas culturais, assegurando que vários aspectos da imagem que uma pessoa tem de si são impactados pela cultura. Entretanto, experiências pertencentes ao corpo, habilidades ou emanção de dominação e competência física também podem influenciar e alterar a autoimagem de um indivíduo.

De acordo com Sapountzi-Krepia *et al.* (2001), quando se fala em autoimagem e imagem do corpo, estamos nos referindo à uma imagem que é conceitual, à uma forma a qual cada um se vê representado no seu “espelho interior”, bem como os sentimentos e reflexões gerados por essa representação. Diante disso, é possível pontuar que os ideais construídos culturalmente acerca de estruturas corporais e a maneira com que a sociedade lida com quem não corresponde a estes ideais, ocasionados principalmente pelo desenvolvimento da globalização e crescente necessidade de tecnologia, gerando assim uma proporção grandiosa de usuários e adeptos das redes e mídias sociais, podem causar mudanças nos padrões de aceitação dos indivíduos, em seu desenvolvimento cultural e pessoal e em suas relações sociais, interferindo assim de modo direto em sua autoestima e autoimagem.

Nesse sentido, a concepção que um indivíduo tem a respeito de si em relação aos outros pode ser tanto ampliada quanto diminuída, como consequência de questões vivenciais e particulares que o mesmo teve contato ao longo de sua existência, visto que tal concepção “envolve um complexo emaranhado de fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos que determinam subjetivamente como os indivíduos se veem, acham que são vistos e veem os outros” (DAMASCENO *et al.*, 2006, p. 81). Dito isso, estas questões de conceitos distorcidos podem restringir a capacidade do ser humano de apreciar os outros e o mundo à sua volta, impedindo-o assim de estruturar um agrupamento de percepções saudáveis relacionadas a si mesmo.

Floriani, Marcante e Braggio (2010), em sua interpretação do texto “*Autoimagem e a Interface da Beleza*”, de Marco Antônio de Tommaso (2010) apontam que a reação de um indivíduo perante sua autoimagem reflete muito o nível de clareza da consciência, reforçando a ideia de uma personalidade dissociada de quem ele é realmente, ou seja, quanto mais uma pessoa for refém de sua autoimagem, chegando ao ponto de estar presa unicamente à sua aparência, mais afastada ela se encontrará de viver livremente no mundo das diversidades, o que acabará por produzir comportamentos distorcidos frente aos vínculos afetivos que ela construiu.

Dessa forma, é notório que no presente momento os meios de comunicação social demasiadamente divulgam e propagam ideais de beleza baseados em modelos ilusórios e arriscados, que acometem, em sua grande maioria, os adolescentes, por estarem vivenciando um ciclo de desenvolvimento da identidade, marcado pela necessidade de pertencimento à grupos sociais e construção de outros vínculos afetivos para além dos familiares, o que os torna mais propensos a fazerem algo que os facilite encaixar-se e adaptar-se à grupos ou situações, sendo prontamente influenciados pelas reproduções midiáticas, colaborando assim para a formação de uma autoimagem desproporcional à realidade e uma avaliação errônea de si, fazendo-os atuar pelo modo como se avaliam.

A influência das mídias e sua repercussão no processo de formação da autoimagem de adolescentes

Com o crescente avanço tecnológico e os processos de globalização que envolvem a comunicação, ficou mais presente a participação ativa das mídias digitais na esfera social. Para Bock, Furtado e Teixeira (1999), estes meios têm uma grande importância em razão do grau de persuasão e capacidade de contemplar as particularidades do sujeito para que alcance os seus próprios interesses. Os autores ainda definem a persuasão como um mecanismo de convencimento que propõe ou não ultrapassar os limites dados às bases racionais da difusão de uma mensagem.

Sobre a relação da mídia com a constituição do “eu” vivenciada pelos adolescentes, há uma espécie de labilidade na qual Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 302) dissertam que “em alguns momentos não acredita em nada a não ser nele mesmo e, em outros, torna-se presa fácil dos apelos consumistas dos meios de comunicação de massa”, isto é, o fato que contempla este jovem e o caracteriza como um alvo fácil resgata exatamente a ideia que enfatiza a ânsia pelo “novo” e a procura excessiva por aceitação,

promovendo então, um ambiente propício para a atuação da mídia e todo o potencial ideológico e persuasivo que a mesma detém.

Outro aspecto a ser levado em consideração é o fato de os recursos midiáticos, como por exemplo, redes sociais e televisão, não abrangerem os mais variados fenótipos, principalmente no que diz respeito às diversas representações corporais que existem, impondo modelos de corpos que acabam por deslegitimar a singularidade do indivíduo, uma vez que a maior parte das pessoas que consomem este tipo de conteúdo, buscam uma maneira de encaixar-se aos modelos referenciais e com o que a cultura dominante dita sobre o que é estar dentro do padrão. Sendo assim, este adolescente irá traçar os seus ideais pessoais a partir de artifícios e preceitos difundidos amplamente pela cultura e meios de comunicação de massa, como é o exemplo da mídia social, que expõe este indivíduo à diversas realidades, em que há a possibilidade de estas não corresponderem ao que é vivenciado pelo mesmo.

Baudrillard (1995) discorre que a mídia, atrelada ao consumo, desempenha um papel poderoso no que se refere à dominação social, que não está voltada apenas aos bens materiais, mas corrobora também para o enquadramento do que é belo, a partir do que é socialmente valorado e difundido, tendo em vista que a partir destas novas regras sociais e da constituição da sociedade moderna, que é pautada a partir do domínio e ascensão de ferramentas midiáticas e tecnológicas, acaba por influenciar o consumidor a agregar uma denominação material ao seu corpo, levando em consideração que muitas vezes este corpo será alvo de críticas e exclusão, e para que isso não ocorra, os indivíduos reiteram esta posição passiva de obediência à preceitos amplamente disseminados e apreciados, contribuindo para o surgimento de estereótipos, dos quais enfatizam que todos devem seguir determinado modelo porque é somente desta forma que serão vistos como “agradáveis” socialmente e perante a si mesmos.

Sobre esta imposição advinda da mídia acerca do que é agradável ou não esteticamente, pode-se abordar a concepção de autoimagem corporal, que segundo Adami *et al.* (2005, p. 1), “é um complexo fenômeno humano que envolve aspectos cognitivos, afetivos, sociais/culturais e motores. Está intrinsecamente associada com o conceito de si próprio e é influenciável pelas dinâmicas interações entre o ser e o meio em que vive”. Os autores ainda enfatizam que o processo de construção e desenvolvimento deste fenômeno está associado às concepções determinantes da cultura e sociedade, o que, diante à modelos pré-concebidos, torna-o amplamente distorcido da noção de corpo

natural. Sendo o corpo uma espécie de “objeto relacional” devido ao seu caráter social e cultural, a construção de sua identidade perpassa por influências externas que acabam por contribuir para a formação do próprio “eu” deste indivíduo, referindo-se, desta forma, às questões internas do mesmo.

A partir disso, a autoimagem leva em consideração a forma na qual o indivíduo se vê relacionada também às sensações, emoções, vivências, qualidades e pensamentos que esta pessoa possui de si mesma, elencando por sua vez, preceitos referentes às influências absorvidas. Fundamentando-se nisso, entende-se que os adolescentes tendem a ser mais vulneráveis à estas influências, visto que se encontram em um momento de difícil definição de quem são e tentativa de identificação, tornando-se suscetíveis à enfrentarem situações de angústia, já que a busca por uma imagem corporal “bela” é, em sua grande maioria, feita de forma desenfreada, provocando prejuízos na maneira em que o mesmo julga sua própria aparência, em decorrência da falta de referências e valorização do seu próprio corpo, dando espaço para a exaltação de estereótipos corporais utópicos.

Conforme indica Castello (2020), após internalizar a ideologia de aparência corporal hegemônica, o sujeito pode acabar vivenciando a preocupação de uma chamada “crise do corpo”, que segundo Barbosa, Matos e Costa (2011), está atrelada aos fundamentos da cultura que acabam por influenciar a forma na qual esse indivíduo atribui representatividade e valor ao seu corpo, associando-se à maneira em que o sujeito interpretará questões voltadas à autoimagem, o que dá abertura para o surgimento de diversos tipos de sofrimento devido à escassez de referenciais de beleza que contemplem aspectos subjetivos do indivíduo, mudando a forma pela qual percebem a realidade e à si mesmo, posto que o processo de formação da imagem corporal segue um critério multifatorial e pode ser persuadido pela mídia, ambientes conjuntos e a partir de valores inseridos na cultura, formando assim pessoas extremamente preocupadas com o significado que é atribuído ao seu corpo e o reflexo disso para a sociedade.

O ideal de corpo que é difundido é perverso porque não leva em conta a diversidade, que vai além das características corporais: tem relação com a produção de subjetividades, que são constituídas através de diferentes caminhos, que são singulares para cada sujeito. Com o sentimento de não se sentirem pertencentes, [...] acabam se culpando e se punindo através de práticas, muitas vezes invasivas (CASTELLO, 2020, p. 5).

A partir do momento em que o adolescente se depara com um corpo que não está enquadrado ao estereótipo dominante e idealizado pela sociedade, há o surgimento do processo de perda da autoconfiança, considerando uma autoimagem constituída por

fatores socioculturais como a mídia e o meio social no qual está inserido, que busca suprir os padrões de beleza propagados, e conseqüentemente, sendo impelido a se adaptar e identificar com estímulos irreais. Esse cenário provoca a perda de aspectos individuais, singulares e subjetivos, já que, segundo Del Ciampo e Del Ciampo (2010), a indústria corporal, utilizando-se dos meios de comunicação, alimenta aspirações e intensifica imagens, transfigurando a maneira de compreender a vida. Os autores também reforçam a associação do corpo à ideia de consumo, visto que “quanto mais o corpo manter a aparência da juventude, da beleza e da boa forma, mais alto é seu valor de troca, tornando as pessoas escravas de um ideal narcísico rígido e severo” (DEL CIAMPO; DEL CIAMPO, 2010, p. 57).

Ainda conforme Del Ciampo e Del Ciampo (2010), a mídia é possivelmente um dos elementos mais relevantes quando se trata de construção de identidade nos adolescentes, pois através dela é possível elaborar referências de vida, de consumo e de comportamento, além de propagar materiais que influenciam a vida em sociedade. A procura de uma imagem corporal idealizada, é um dos processos mais pertinentes na atualidade, o que gera prejuízos financeiros e riscos voltados à saúde, sobretudo no âmbito psicológico, considerando que os referenciais de beleza, em sua grande maioria inatingíveis e distantes da realidade, provocam sintomas de estresse, ansiedade e insatisfação com o corpo e distorção da imagem, além de isolamento social e dificuldade de manter relações interpessoais.

Consequências psicológicas que a busca do corpo idealizado acarreta aos adolescentes

Perante o cenário tecnológico atual, é visível a existência do perigo envolvendo o risco ao vício, sobretudo, para o público adolescente. Echeburúa e Requesens (2012, p. 49, tradução nossa) manifestam que “de três a seis por cento dos jovens fazem uso abusivo da internet e principalmente das redes sociais”. A utilização excessiva dos serviços de comunicação virtual prejudica a saúde mental e possibilita o desenvolvimento de transtornos psicológicos. De acordo com a APA (American Psychological Association, 1892) a saúde mental é percebida como a forma que o pensamento, sentimento e comportamento interferem no organismo. A Associação ainda expressa que uma boa saúde mental resulta numa imagem positiva de si mesmo e estimula relacionamentos interpessoais satisfatórios.

Tratando-se dos impactos no âmbito psicológico, o adolescente encontra-se em uma posição vulnerável e passiva, no que diz respeito às influências que este sofre, advindas da persuasão dos meios de comunicação de massa. Sendo assim, reverbera a necessidade de “ser” deste sujeito, visto que se vê refém de modelos corporais pré-concebidos, que atuam como meio de excluir ou incluí-lo em grupos sociais que sejam responsáveis por aprovar os seus atributos estéticos. A necessidade de aceitação está atrelada intrinsecamente à adolescência, percebendo a importância para esta faixa etária da aprovação perante a sociedade, porém, muitas vezes esta desconsidera as reais qualidades atreladas à subjetividade desse sujeito, afim de enquadrá-los em modelos enaltecidos pelo mercado de consumo, atribuindo valor apenas aos aspectos externos, ou seja, aos padrões que os seus corpos estão ou não refletindo.

Levando em consideração que a adolescência é uma fase da vida na qual o sujeito está propenso a vivenciar novas experiências, de cunho psicológico, social e fisiológico, em que se manifesta a presença deste processo de descoberta do próprio “eu”, é evidente que, tratando-se das mídias, o mesmo pode ocasionar um quadro de grande cobrança social ao adolescente por este ansiar atingir um padrão estético muitas vezes irreal, o que vai culminar conseqüentemente numa cobrança exacerbada desse indivíduo para com ele mesmo. Acerca desta cobrança e do fato de que muitas vezes o comportamento se torna constante e interfere negativamente na rotina do indivíduo, acarretando então sintomas físicos e psicológicos, pode-se identificar, desta forma, o surgimento de sintomas voltados ao Transtorno de Ansiedade, que segundo Batista e Oliveira (2005):

[..] é um sentimento que acompanha um sentido geral de perigo, advertindo as pessoas de que há algo a ser temido. Refere-se a uma inquietação que pode traduzir-se em manifestações de ordem fisiológica e cognitiva. Como manifestações fisiológicas pode-se citar agitação, hiperatividade e movimentos precipitados; como manifestações cognitivas surgem atenção e vigilância redobrada e determinados aspectos do meio, pensamentos e possíveis desgraças. Essas manifestações podem ser passageiras ou podem constituir uma maneira estável e permanente de reagir e sua intensidade pode variar de níveis imperceptíveis até níveis extremamente elevados (BATISTA; OLIVEIRA, 2005, p. 43).

A adolescência também é marcada por um momento conflitivo de identidade, e a acessibilidade às redes sociais provoca uma facilidade do jovem de se isolar, tendo em vista que, com o início da puberdade, as alterações hormonais geram insegurança e abalam a sociabilidade. O isolamento, por sua vez, submete o adolescente ao maior contato com os conteúdos propagados pelas mídias, e conseqüentemente ao risco de desenvolver sintomas de depressão, ao deparar-se principalmente com materiais que

prejudiquem a formulação de sua autoimagem e afetando sua autoestima. Seguindo a lógica de Del Porto (1999, p. 6), “enquanto síndrome, a depressão inclui não apenas alterações do humor (tristeza, irritabilidade, falta da capacidade de sentir prazer, apatia), mas também uma gama de outros aspectos, incluindo alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas”.

Adolescentes que passam muito tempo na Internet são mais propensos a desenvolver depressão, a época em que a depressão promove refúgio na Internet devido ao isolamento do mundo exterior. Portanto, existe uma estreita relação circular entre depressão e dependência na Internet. Quando há dependência, os comportamentos de dependência tornam-se automáticos, são ativados emocionalmente e há pouco controle mental sobre o sucesso ou o fracasso das decisões (ECHEBURÚA; REQUESENS, 2012, p. 55, tradução nossa).

Devido à acessibilidade dos jovens a ferramentas que exaltam como exemplar de beleza a uniformização dos corpos, é explícito também sua inclinação em se tornarem mais suscetíveis à conflitos relacionas à autoimagem, que podem ocasionar transtornos derivados dessa má-elaboração do “eu”, como o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), que é um transtorno relacionado a preocupações com a aparência, associada à grande valorização da beleza, interações sociais reduzidas, comentários sobre partes do corpo e cirurgias, o que acarreta em grandes prejuízos nas áreas social e familiar.

Segundo o DSM-V (2014), os indivíduos com transtorno dismórfico corporal são preocupados com um ou mais defeitos ou falhas percebidas em sua aparência física, que acreditam parecer feia ou deformada, mas que não são observáveis para os demais, o que não deve ser confundido com Anorexia ou Bulimia, pois enquanto nesses transtornos a preocupação é com o tamanho ou forma do corpo como um todo, no TDC ela se refere a uma ou mais partes do corpo como: nariz, boca, queixo, seios, cabeça, cabelo, entre outros, o que os impele a executar comportamentos repetitivos como: comparar a própria aparência com a de outros indivíduos, verificar e examinar os defeitos percebidos em espelhos, arrumar-se em excesso, auto camuflar-se, procurar tranquilização acerca das falhas percebidas, comprar de maneira compulsiva e arrancar a pele compulsivamente com a intenção de melhorar os defeitos observados, comportamentos estes que podem aumentar a ansiedade e a disforia e prejudicar atividades sociais e rotineiras.

Esta busca desenfreada por pertencimento também pode acarretar malefícios e complicações orgânicas ao adolescente relacionadas ao surgimento de transtornos alimentares, visto que este sujeito sofre influências da indústria da beleza, que por sua

vez padroniza corpos criando conceitos idealizados a partir de uma concepção muitas vezes inacessível. Anorexia Nervosa, Bulimia Nervosa e Vigorexia são transtornos que podem se manifestar nesse contexto por estarem diretamente ligados à relação do sujeito com o próprio corpo, considerando também a pressão que as influências externas desempenham nesse cenário.

De acordo com Ribeiro e Oliveira (2011), a Anorexia se inicia entre os 13 e 17 anos, sendo mais comum em mulheres. É caracterizada pela perda de peso, magreza com autoimagem distorcida, preocupação com o ganho de peso, tendência à adoção de dietas rígidas e jejum, além do excesso de atividade física. A doença é crônica e de difícil controle, necessitando de acompanhamento persistente devido às recidivas. Os autores ainda discorrem sobre como a valorização da magreza e da repressão aos obesos, além do culto ao corpo imposto pela mídia através de filmes, atrizes e modelos extremamente magras são percebidas como um fator de vulnerabilidade em adolescentes que desenvolvem Anorexia Nervosa.

Além disso, os transtornos alimentares igualmente têm suas causas atreladas à questões biológicas, psicológicas e socioculturais que influenciam de forma direta os indivíduos, sendo um dos transtornos mais recorrentes quando trata-se de descontentamento com o corpo e a busca por encaixar-se em um certo padrão a Bulimia Nervosa, que de acordo com Ribeiro e Oliveira (2011) tem início no final da adolescência até os 40 anos de idade da pessoa, e se torna mais frequente em mulheres, que acabam por procurar ajuda profissional em média cinco anos após o primeiro episódio, visto que o uso frequente de laxantes e inibidores de apetite ocasionam sérios problemas. Sobre os aspectos psicológicos que envolvem a bulimia nervosa podem-se destacar valores centrados na aparência, baixa autoestima, tendência ao isolamento social, sentimento de culpa e irritabilidade.

Atrelado ao exposto, existe a Vigorexia, descrita como uma variação da desordem dismórfica corporal (CAMARGO *et al.*, 2008) por envolver uma preocupação anormal de não ser suficientemente forte e musculoso em todas as partes do corpo, e acreditar-se que o corpo é pequeno e frágil quando na verdade é grande e robusto, ao contrário dos transtornos dismórficos típicos, cuja principal preocupação é com áreas específicas. As autoras ainda mencionam que esta preocupação intensa com a massa muscular pode levar ao excesso de levantamento de peso, prática de dietas hiperprotéicas e uso indiscriminado de suplementos e anabolizantes, já que os indivíduos temem perder massa muscular,

evitando também a exposição de seus corpos em público, por motivos de insegurança, e utilizarem diversas camadas de roupa, inclusive no calor, com intuito de evitar exibir o mesmo, caracterizando uma distorção da imagem corporal, vinculada à baixa autoestima, influência da mídia, e principalmente, internalização do protótipo de forma corporal.

O tópico em questão buscou destacar preceitos voltados à influência midiática, levando em consideração a faixa etária da adolescência, em que estes sujeitos se encontram mais passíveis a sofrer interferências dos meios de comunicação de massa, da sociedade e da cultura, que acabam por contribuir para a padronização dos corpos, sendo vistos como sinônimo de beleza, admiração e ascensão social. Sobre esses aspectos voltados à busca excessiva de aceitação e à falta de referenciais voltados ao corpo natural e cobrança dos indivíduos acerca de si mesmos, destaca-se a origem das consequências psicológicas no que diz respeito à depressão, ansiedade e transtorno dismórfico corporal, e os transtornos alimentares referentes à anorexia nervosa, bulimia nervosa e vigorexia, enquadrando-se em consequências que influenciam intrinsecamente em uma rotina saudável e na forma na qual este indivíduo se percebe, ou seja, na autoimagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os materiais analisados, compreende-se a participação das mídias no avanço tecnológico, que se desenvolve trazendo benefícios para a humanidade. Apesar das grandes vantagens que a tecnologia propõe, existem mecanismos que enfraquecem a saúde psicológica e a dinâmica da multiplicidade corporal, tornando indivíduos suscetíveis ao uso massivo e inadequado dos serviços de comunicação e aos prejuízos do sistema de difusão de informação que a mídia propaga, incluindo neste processo o desempenho do padrão de beleza e suas respectivas consequências para a interação social e autoestima dos sujeitos na sociedade, culminando em consequências negativas atreladas à sensação de rejeição e uma constante insatisfação corporal, limitando as referências do que é ser "belo".

A respeito do padrão de beleza e seu envolvimento com a adolescência, notou-se uma busca desenfreada com o objetivo de caber no padrão vigente que é valorado pela sociedade, isto atrelado à necessidade de validação e sensação de pertencimento. Todavia, esse padrão muitas vezes é injusto e não contempla a totalidade do indivíduo, limitando-os a meros estereótipos corporais a partir da disseminação de "corpos perfeitos" pelos grandes meios de comunicação de massa, visto que esse sistema se utiliza de um vasto

poder persuasivo, sendo mais agressivo e prejudicial aos adolescentes, tendo em vista que fazem parte de um público que vivencia uma etapa de descoberta de sua identidade e busca por espaço nos mais diversos grupos sociais.

Além disso, a adolescência perpassa por mudanças biopsicofisiológicas, que por sua vez torna esse público mais vulnerável a influências externas e suas respectivas repercussões internas, já que certas características de personalidade ou estados emocionais aumentam a vulnerabilidade psicológica aos vícios, o que gera impulsividade, disforia e intolerância a estímulos desagradáveis. A busca exacerbada para caber em um padrão estético amplamente disseminado ganha forças, fazendo com que os indivíduos façam comparações irrealistas e que não contemplam os seus reais estereótipos, percebendo-se a possível participação do desenvolvimento de transtornos psicológicos como depressão e ansiedade.

Arelado a isso, os distúrbios alimentares podem ser percebidos como o resultado de um mecanismo de tentativa para modificação do corpo, enfatizando o pressuposto supracitado no âmbito psicológico, de que para ser considerado "belo" o sujeito deve ser enquadrado em um viés de beleza onde as suas características naturais são negligenciadas. Diante disso, se faz importante a valorização do corpo a partir das diversas variedades anatômicas, e não apenas de estereótipos padronizados propagados pelos meios de comunicação. Ademais, nota-se que este estudo respondeu às questões levantadas e poderá contribuir a nível científico, social e acadêmico, assim como ser útil para estudantes e profissionais da Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Publication manual of the American Psychological Association (1th ed.). Washington, DC: 1892. Disponível em: <<https://www.apa.org/about/apa/archives/apa-history>>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

ADAMI, Fernando et al. Aspectos da construção e desenvolvimento da imagem corporal e implicações na educação física. *Revista Digital EFDeportes.com*, v. 10, n. 83, p. 8, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BATISTA, Marcos Antonio; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva Sales. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. *Psic, São Paulo*, v. 6, n. 2, p. 43-50, 2005.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24–34, 2011.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-Estima e os seus Seis Pilares*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARGO, T. P. P. et al. Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 2, n. 1, 2018.

CASTELLO, Camila Cristina Saraiva. *Feminilidade, imagem corporal e mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres [tese]*. Brasília: UniCEUB; 2020.

DAMASCENO, Vinícius Oliveira et al. Imagem corporal e corpo ideal. *Rev. bras. ciênc. mov.*, v.14, n.2, p. 81–94, 2006.

DEL CIAMPO, L. A.; DEL CIAMPO, I. R. L. Adolescência e imagem corporal. *Adolescência & Saúde*, v. 7, n. 4, p. 55–59, 2010.

DEL PORTO, José Alberto. Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, n. 1, p. 06–11, maio 1999.

ECHEBURÚA, Enrique; REQUESENS, Ana. *Adicción a Lás Redes Sociales y Nuevas Tecnologías En Niños y Adolescentes*. Madrid: Pirámide, 2012.

ECO, Umberto. História da beleza. Tradução de Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ERICKSON, Erick H. Identity, Youth and Crisis. New York: W. W Norton & Company, 1968.

FLORIANI, F.M.; MARCANTE, M.D.S; BRAGGIO, L. A. Auto-Estima e Auto-Imagem: A Relação com a Estética. 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5882778-Auto-estima-e-auto-imagem-a-relacao-com-a-estetica.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOUVEIA, V.V et al. Auto-imagem e Sentimento de Constrangimento. Psico, v. 36, n.3, p. 231-241, 2006.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. Culture and the self: Implications for cognition, emotion and motivation. Psychological Review, p. 224-253, 1991. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/1991-23978-001>>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

RIBAS, Raíra; CALEIRO, Maurício. Padrões estéticos e globalização: a sociedade pós-moderna frente à ditadura da beleza [tese]. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2012.

RIBEIRO, P. C. P.; DE OLIVEIRA, P. B. R. Culto ao Corpo: beleza ou doença? Adolescência & Saúde, v. 8, n. 3, p. 63–69, 2011.

SAMPAIO, R. P.; FERREIRA, R. F. Beleza, identidade e mercado. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 120–140, 2009.

SAMPIERI, R.H.; CALLADO, C.F.; LUCIO, M.D.P.B. Metodologia de Pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAPOUNTZI-KREPIA D.S. et al. Perceptions of body image, happiness and satisfaction in adolescents wearing a Boston brace for scoliosis treatment. 2001. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11529970/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

TIBA, Içami. Adolescentes: quem ama, educa. 21. Ed. São Paulo: Integrare, 2003.